

O FUNCIONAMENTO DO SIGNIFICANTE NA PSICOSE E SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA.

Paula Oliveira SOBRAL¹ (UFPB)

RESUMO: Este artigo procura analisar o funcionamento do significante na psicose, uma estrutura clínica marcada pela forma particular do sujeito lidar com a linguagem e sua relação com a escrita. Nesse trajeto escolhemos a interface lingüística e psicanálise, iniciando pela relação entre o signo saussuriano e a primazia do significante em Lacan. Na psicose, as palavras não têm mediação, aparecem em uma total materialidade. A escrita poderia ser uma saída possível na relação do psicótico com a linguagem? Eis a questão deste artigo.

RESUMÉE: C'est article cherche analyzer le fonctionnement du signifiant dans la psychose, une structure clinic caracterizée par la forme particulier du sujet avec la language et as reçation avec l'écrit. Dans ce passage nous avons choisi l'interface linguistique et psychanalyse, à commencer par la relation entre le signe saussurien et la superiorité du signifiant en Lacan. Dans la psychose, lês mots n'ont pas mediation, elles apparaissent dans une total.matérialité. L'écrit porrait être une sortie possible dans la relation du sujet psychotique avec la language? C'est la question de cet article.

1. A concretude do signo e a materialidade significante

As discussões a respeito da interface lingüística e psicanálise permeiam dois conceitos distintos, mas interligados, entre Saussure e Lacan: signo e significante. Estes conceitos têm permitido longas discussões entre a ciência que estuda as manifestações da linguagem humana na coletividade, a lingüística, e a psicanálise que se detém no sujeito do inconsciente estruturado como uma linguagem.

Objeto de estudo da lingüística saussuriana é a língua, parte essencial da linguagem, que constitui algo adquirido e convencional. Um instrumento criado e fornecido pela coletividade, o código, constituído por unidades lingüísticas de um sistema: os signos. O que é signo?

Para Saussure o signo é uma unidade lingüística constituída pela união de dois termos: O significante (imagem acústica) e o significado (conceito). “Os termos implicados no signo são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação”², pois cada parte do signo embora seja profundamente distinta, é necessária uma a outra, para que a existência do signo esteja garantida. “A entidade lingüística só existe pela associação do significante e do significado; se retiver apenas um desses elementos, ela se desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se uma pura abstração”³.

Chegamos então à concretude do signo. O signo, Saussure define como um objeto concreto, onde as partes (imagem acústica e conceito) ambas abstratas, quando unidas no interior da língua, tornam-se concretas, definidas. A natureza concreta do signo reside justamente na associação concreta entre este significante e aquele significado, e não entre possíveis outros. Entretanto concretude não é materialidade. O signo não está fixado a nenhum objeto. A ligação de um significante a um significado não se aproxima, em nada, da ligação de um nome à coisa em si. O signo não é material.

Lacan, influenciado pelo estruturalismo francês, utilizou-se da lingüística estrutural, mas particularmente dos estudos de Saussure, para criar alguns conceitos de sua teoria. Para tanto, Lacan subverte o algoritmo saussuriano que encerra o signo (s/s), revira a posição dos elementos da célula trazendo como marca distintiva em relação a Saussure, a primazia do significante (S/s). Mas, que quer dizer isto?

O significante, para Lacan, não está a serviço do significado, ao contrário, há algo mais no significante que o significado não dá conta. “Todo sistema de linguagem, comporta, abrange, a totalidade das significações possíveis, o que não quer dizer que todo o sistema de linguagem esgota as possibilidades do significante”⁴. É a noção de sujeito, trazida por Lacan, que marcará a separação entre o significante e o significado. A barra, ao contrário do traço que une significante e significado em Saussure, é marca de uma

¹ sobralpaula@yahoo.com.br

² SAUSSURE, F. (s.d.). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo. 1916, pp.119.

³ SAUSSURE, F. (s.d.). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo. 1916, pp.119.

⁴ LACAN, J. O Seminário livro 3, *As psicoses*. Rio de Janeiro, 1955-1956.

separação para Lacan, uma barreira resistente à significação. O significante não significa nada, não foi feito para isso, não está na natureza pra significar, mas para representar um sujeito para outro significante.

“A articulação significante não se produz sozinha, é necessário que haja um sujeito. O significante só pode passar para o plano da significação porque há um sujeito operando a cadeia do significante. Lacan, ao trazer o significante para o campo da experiência analítica, inclui uma nova concepção de sujeito, que não tem lugar nem em Saussure, nem nos seus discípulos, e muito menos nas novas correntes lingüísticas que surgiram. Para o saber lingüístico a noção de sujeito se refere, dependendo do autor, às categorias de pessoa, de indivíduo, de locutor e de emissor”⁵.

O significante, quando isolado da cadeia, é material. Não remete a nada. É em si mesmo sem significação própria, pois o sentido é dado na articulação da cadeia (S1–S2). Nos ensina Lacan que “quanto mais o significante nada significa, mais indestrutível ele é”⁶. Eis a materialidade significante.

3. O funcionamento do significante na psicose

Loucura. Este é o termo utilizado para se referir à psicose ao longo da história. Freud em 1911, ao relatar o caso Schreber, embora não tenha ido muito adiante neste estudo, traz a psicose de uma forma diferente da psiquiatria da época. Lacan retomará o “estudo das estruturas freudianas das psicoses”, enfatizando a psicose como uma estrutura que tem uma lógica própria e diferente da neurose. Uma questão de estrutura!

A estrutura a que Lacan se refere, definida pela maneira como o sujeito se relaciona com o significante, marca uma diferença extremamente necessária à clínica psicanalítica. Esta é uma estrutura de linguagem. É necessário que o sujeito tenha dito sim à linguagem. Dizer sim à linguagem significa entrar no jogo do simbólico, adentrar numa lei simbólica através da introdução do significante Nome-do-Pai. Segundo Lacan, “o Nome-do-Pai é o significante do Outro enquanto lugar da Lei”⁷. Significante primordial que vem instaurar no sujeito a lei que ordena seu mundo, operando a função da castração e introduzindo o sujeito na neurose. No entanto para o sujeito psicótico, no momento em que deveria surgir este significante que abre o leque às significações diversas, o Nome-do-Pai não funcionou. A forclusão do nome-do-pai, eis o mecanismo específico da psicose. Mas que quer dizer isto?

No momento da instauração de uma lei, a lei da linguagem, que vem inserir o desejo ao sujeito, tal lei prescreveu. Foi suplantada sem precedentes, por uma recusa absoluta, e o significante ordenador de gozo, Nome-do-pai, ficou forcluído, fora do registro simbólico. O psicótico tem uma falha na possibilidade de simbolização, assim sendo, o que fica excluído no simbólico, retorna no real em forma de alucinações e delírios. Como se dá, então, o pacto do psicótico com a linguagem?

Há uma falha na inscrição do Outro da linguagem, o código. Um desamparo frente à linguagem enquanto impossível de significar, o que vai deixar marcas sobre o próprio funcionamento da linguagem. Os enlaçamentos ou a disjunção da palavra à coisa que aparecem na neurose, não existem na psicose, pois significante e significado são a mesma coisa, estão colados. A palavra é a coisa mesma.

É de uma posição de assujeitamento, onde o inconsciente está a céu aberto, que o sujeito psicótico testemunha que não habitamos a linguagem, mas somos habitados por ela. O que quer dizer que todo sujeito primordialmente entra no mundo sendo falado pelo Outro, que diz dele. Todavia na neurose com o significante ordenador, Nome-do-Pai, o sujeito se organiza. O que na psicose não acontece, fazendo o psicótico testemunhar no real das alucinações a impostura da linguagem.

“As palavras querem me ser”⁸, diz Manuel de Barros. Desaparece o intervalo entre os significantes, estes permanecem solidificados, comportando a estrutura do significante como tal.

Na linguagem psicótica, os fenômenos de desarticulação da cadeia, são inerentes à maneira do psicótico lidar com a linguagem. A palavra do psicótico, não tem mediação. É ao “pé da letra”. Aparece em uma total materialidade, de uma forma absoluta e enigmática, onde a palavra e a coisa são uma só, cheias de sentido. Numa tentativa de dizer o indizível, como se fosse possível buscar o além da linguagem, o impronunciável, o real.

⁵ FERREIRA, N. P. **Jacques Lacan: apropriação e subversão da lingüística**, Rio de Janeiro, 2002.

⁶ LACAN, J. O Seminário livro 3, **As psicoses**. Rio de Janeiro, 1955-56.

⁷ LACAN, J. O Seminário livro 3, **As psicoses**. Rio de Janeiro, 1955-56.

⁸ BRANCO, L. C. **Coisa de louco**. Minas Gerais, 1998.

4. Escrita: uma saída possível?

O significante na psicose se materializa. Não há cadeia significante, o S1 está sozinho, isolado (S1, S1, S1,...). A palavra tem peso, é a coisa mesma sem mediações. A dificuldade de simbolizar faz com que esses significantes apareçam no real, de maneira avassaladora, terrível. Deixando o sujeito a deriva, sem separação entre o que é interior e exterior. Numa continuidade de significantes sem sentido.

A escrita na psicose pode assumir, em alguns casos, uma tentativa de cura, uma possibilidade de afastamento do gozo invasivo e total do Outro da linguagem. Escrevendo é possível, para o sujeito, muitas vezes, extrair um pouco deste gozo avassalador e dar um contorno ao ilimitado do corpo. A escrita aparece como um delírio, construindo a história do sujeito, ou também como ponto de basta, marcando com a palavra, extraíndo gozo. "A escrita não registra mais a fala, nem representa, nem significa, mas lá permanece, deitada diante do que não se escreve. Marca de sua própria impossibilidade, a escrita se converte, desse modo, em uma rasura sem que nada antes tenha sido rasurado."⁹

Escrever é preciso já dizia Arthur Bispo do Rosário, pois a escrita efetua o corte que não pôde anteriormente ser feito. A escrita fixa no papel, pano, parede, em algum outro lugar que não no sujeito, o real da materialidade significante. "Os signos da língua são, por assim dizer, tangíveis; a escrita pode fixá-los em imagens convencionais, ao passo que seria impossível fotografar em todos os seus pormenores os atos da fala"¹⁰. Algo do imaginário que é puro som passa a se materializar através da escrita. Segundo Ferreira (2002), a escrita não é apenas o traço sobre o papel, as marcas do alfabeto deixadas sobre o suporte. É o que indica uma diferença. Rompe o continuum do mundo, como linguagem que é, e estabelece uma marca que singulariza o que antes era indissociado, uma forma do sujeito exercitar a sua subjetividade por meio da alteridade.

Escrever então parece ser uma saída para o sujeito psicótico. Uma possibilidade, encontrada, por ele, de afastar o gozo invasivo e total do Outro da linguagem. Um ato, onde o sujeito tenta produzir uma borda, uma contenção. Um contorno ao ilimitado do corpo. Ao escrever, inscreve-se ali um sujeito.

5. Referências bibliográficas

BRANCO, L.C. *Coisa de Louco*. Minas Gerais: Universitária, 1998.

BOURGUIGNON, S. C. Unidos pelo espelho e presos pelo olhar. In: *Jornal Gradiva*. Disponível em <http://www.gradiva.com.br/site/scripts/su.htm>

DIAS, V. Fazer um corpo na psicose: um sinthoma possível? In: *Latusa digital*, n.15, 2005. Disponível em http://www.latusa.com.br/latmarteximp15_2.pdf

FERREIRA, N. P. Jacques Lacan: *apropriação e subversão da lingüística*. Rio de Janeiro: Àgora, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982002000100009&lng=pt&nrm=iso>.

LACAN, J. O estádio de espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1936.

_____. *As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1955-1956.

_____. *Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

_____. *O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969-1970.

LONGO, L. Linguagem e Psicanálise. In: *Passo a passo*, n. 64. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MANDIL, R. Os efeitos da letra. In: *Opção lacaniana* n 3. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Contra Capa Livraria/ Faculdade de letras Ufmg, 2003.

⁹ MANDIL, R. *Os Efeitos da letra. Lacan leitor de Joice*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte, 2003, pp.61

¹⁰ SAUSSURE, F. (s.d.). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, 1916, pp. 23.

MILLER, J. *Percurso de Lacan: Introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992

MILMAM, E. (2003). *A instância da letra na leitura*. *Estilos da Clínica. Revista sobre a Infância com Problemas*, 8(14), 30-49.

QUINET, Antônio. *Teoria e Clínica das psicoses*. Salvador: Fator, 1990.

ROZA, L.A.G, *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral* São Paulo: Cultrix, 1972.